

O rebaixamento do ensino

Roque Spencer Maciel de Barros

Educação

A queda real do nível de cultura e do ensino é um fenômeno universal, que se vem acentuando a cada dia e desafia nossas reflexões. Pomos de lado o caso específico de nosso país, que é algo à parte. Embora entre a população razoavelmente escolarizada, até mesmo em relação à maioria dos que chegam ao ensino superior, funcionem também os motivos que afetam os países adiantados, entre eles a comunidade européia e os Estados Unidos, há um dado a mais a agravar substancialmente a situação entre nós que todos estão fartos de conhecer: declarada sistematicamente como *prioridade* e formalmente contemplada, nos textos constitucionais, com substanciais porcentuais orçamentários, a verdade é que a educação, deteriorada já há alguns anos, não dá mostras confiáveis de melhora.

Deixemos, pois, a nossa singular situação e detenhamo-nos no fenômeno geral, que resulta não de um único condicionamento, mas de vários que, conjugados, talvez expliquem razoavelmente, em parte, a decadência cultural e pedagógica.

Não podemos esquecer, inicialmente, de um fato, tantas vezes apontado que já é rotina referir-se a ele: a "massificação", como fenômeno espiritual (ou como negação do espírito), leva à banalização da vida, à perda de valores intimamente associados à formação do caráter, do sentimento e da mente. Uma sociedade de massas está, normalmente, voltada para o

imediatos: mesmo quando não se enfrentam problemas terríveis como os atuais, entre eles o do desemprego e o da persistência da miséria, e se pode gozar do conforto que os progressos tecnológicos vão propiciando dia a dia, prevalece o puro *aqui e agora*, pois que — e este é outro condicionante da situação a que nos referimos — quando se perde um *sentido* diretor da própria vida, como vem acontecendo, quando esta se esvazia de valores e significados que transcendem o puro instante, o "hoje que há de ser aproveitado", que mais resta se não a busca in-

no vício e na droga) é uma das mais sérias ameaças à democracia e à liberdade, podendo transformar aquela numa tirania de massas egocêntricas, promotora de um egoísmo que, ao contrário do que muitos pensam, é o maior inimigo daquele individualismo que consiste na consagração da pessoa, em termos éticos.

Outro condicionante da situação (que tivemos oportunidade de examinar em artigo nesta folha, sob o título "As duas culturas", em 13/1/94) é o fosso que se vai alargando entre o que poderíamos chamar de "duas humanidades"

co (nº 367, julho/agosto de 1994). Ai, aliás, acentuávamos outro fator condicionante do rebaixamento da cultura e do ensino, representado pela substituição, cada vez mais evidente, do *logos* (como *palavra* e como *razão*, dois elementos, aliás, inseparáveis), pelo *eikon*, a *imagem*. Esta, sem a menor dúvida, é fundamental na vida humana mas, no que se refere ao saber, há de estar subordinada e a serviço do *logos*, ao contrário do que vem acontecendo nesse nosso mundo "televisivo", em que ela parece proclamar a sua independência, mundo em que apenas *ver* parece mais relevante do que *pensar*. E, se as imagens auxiliam o pensamento, que freqüentemente exige a "representação sensível" para a plena inteligibilidade, particularmente quando são o produto de uma imaginação criadora (que depende sempre da palavra para *ter significado*), não podem, contudo, tomar o seu lugar: *não se pensa com imagens*. Dai o fato de a imagem, em certos casos, em lugar de auxiliar o ensino, podem deturpá-lo, gravando-se o acidental e perdendo-se o essencial.

Obviamente, esses não são todos os condicionantes do rebaixamento do ensino. Contudo, hão de ser adequadamente pesados num exame aprofundado da questão.

Roque Spencer Maciel de Barros é autor de "Ensaio sobre Educação" e de "Razão e Racionalidade".

O NOSSO É UM MUNDO TELEVISIVO, EM QUE APENAS "VER" PARECE MAIS RELEVANTE DO QUE "PENSAR"

discriminada do prazer? — e não dos prazeres menos corriqueiros, daqueles que, como assinalou o velho *Filebo* platônico, se conjugam com a sabedoria para alicerçar uma vida plena. Essa atitude, naturalmente, provoca um rebaixamento da cultura e, com ele, necessariamente, o de todo o ensino, que passa freqüentemente a ser ou mera "amolação" ou algo que não deve ultrapassar o estreito horizonte utilitário dos que o buscam. Notemos, de passagem, que esse imediatismo, essa busca incessante do prazer (e este, com lamentável freqüência, acaba por resolver-se

fosso que tende a tornar-se mais fundo em virtude das dificuldades para chegar-se a uma imagem coerente do mundo, aumentadas pelo ritmo vertiginoso das novas descobertas e das teorias que suscitam. Esse problema, aliás, não afeta menos a própria "humanidade culta", que já não consegue também, apesar de tudo, acompanhar aquele ritmo. Além do citado artigo, tratamos mais detidamente desse tema em estudo, com o mesmo título, publicado nos *Cadernos de História e Filosofia da Educação da USP* (vol. 1, nº 1, 1993) e reproduzido no *Digesto Econômi-*

JORNAL DA TARDE
23 MAI 1996
7